

O fenômeno é ainda mais claro no comércio. Enquanto que os "pequenos comerciantes" passam de 1.252.000 a 913.000, os empregados do comércio passam de 440.000 a 736.000! Tudo se passa como se, no comércio, tivesse havido uma pura absorção pelo comércio moderno de 300.000 comerciantes "arcaicos".

## 2. A proliferação do setor moderno

Naturalmente, esses resultados contábeis não devem ser ilusórios. Não há transformação em terciário do antigo pequeno burguês e do campesinato. Há, de um lado, regressão das formas pré ou arcaicas; de outra parte, segundo três eixos ligados as leis da divisão do trabalho segundo e sob as relações capitalistas, tais como nós aexposemos mais acima:

- a divisão "manufatureira" do trabalho autonomiza, no próprio interior das empresas do setor secundário, as funções intelectuais;
- a divisão social do trabalho autonomiza, relativamente a essas empresas, as atividades terciárias em um setor terciário;
- a acumulação capitalista em geral, e mais particularmente este processo de divisão do trabalho, exigem o desenvolvimento de um setor especialmente afetado à reprodução ampliada das "condições exteriores gerais" do desenvolvimento capitalista (administração, ensino, saúde, etc.).

TABELA 1

ANO	1954	1962	1968	1975
Setor Terciário* (%)	26,6	32,7	37,1	44,1
C.S.P. Terciários** (%)	21,1	26,1	31,1	38,7
Serviços Públicos (%)	8,6	11,0	12,1	15,8

\* Assalariados de: transportes, comércios, bancos, seguros, serviços, serviços públicos.

\*\* Profissões liberais e quadros superiores + empregados + quadros médios + forças armadas

Uma maneira grosseira de observar-se este triplo movi-

mento de proliferação é separar, de uma parte o desenvolvimento das "atividades terciárias (C.S.P. em colarinho branco) e, de outra parte, o desenvolvimento do setor (dos ramos) terciário, enfim do setor público (Tabela 1). Constata-se o paralelismo das três progressões: como se a divisão das atividades alimentasse permanentemente a divisão dos ramos. Observe-se, aliás, o salto do terciário público de 1968 a 1975. De fato, as únicas categorias sócio profissionais que cresceram mais de 8% entre essas duas datas; são dos professores e pesquisadores e os "serviços médicos e sociais". Assiste-se, de alguma maneira, a uma recuperação do terciário público ligada à socialização da reprodução da força-de-trabalho, concomitantemente a consolidação da regulação monopolista de acumulação intensiva por volta desta época.

## 3. A polarização e a proletarização do terciário

A polarização das atividades industriais (desqualificação do produtor direto de uma parte, desenvolvimento das "potências intelectuais" dos agentes separados da dominação capitalista, de outra), polarização que já evocamos falando do fordismo, é uma das principais tendências do modo de produção capitalista. É, aliás, ela que engendra a proliferação do terciário moderno.

Mas, no próprio interior da esfera das atividades não manuais, a mesma lógica da separação concepção/execução está em ação. Pois ela não é inerente nem ao caráter produtivo nem ao caráter material do trabalho, mas traduz o peso das tendências propriamente capitalistas na organização do trabalho assalariado. A partir do momento em que o desenvolvimento e a automatização das frações funcionais terciárias do capital atingem um nível tal que essas consideráveis de trabalhadores são requisitados para tratar da informação com a finalidade de trazer a capitalistas especializados lucros bancários ou comerciais, ou ainda, gerir o ordenamento do salário indireto (caixas de Previdência Social, etc), a questão da compressão do custo salarial se coloca com a mesma acuidade que na indústria. Se o trabalho produtivo de tal ou qual categoria terciária é mais ou menos contestado, o salário correspondente a essas atividades não deixa de aparecer, para o capitalista que os emprega, na mesma categoria de carga salarial que aquela dos operári

os produtivos. No processo de valorização formal do capital bancário ou comercial, assim como na gestão do salário indireto, a compressão dos custos se impõe por força da concorrência ou por estrangimento orçamentário. E esta tendência à compressão dos custos toma a forma que ela toma sempre na organização do trabalho capitalista: parcelização e estandarização das tarefas confiadas a trabalhadores cada vez menos qualificados relativamente (pois cada vez menos capazes de contestar aos dirigentes o domínio do processo de trabalho, em particular de seu ritmo), depois mecanização (no caso a informatização) do trabalho parcelizado. As mesmas forças coercitivas da luta de classes e da concorrência se exercem tão bem sobre as atividades produtivas de mais-valia quanto sobre aquelas que gerem a repartição dela; não é espantoso que Karl Marx, que consagrou o essencial de sua obra ao capital produtivo clássico, tenha podido trazer um diagnóstico surpreendente sobre as tendências do terciário, que somente atinge o estágio manifesto em nossos dias:

"O trabalhador comercial não produz diretamente mais-valia, mas o preço de seu salário é determinado pelo valor de sua força de trabalho, logo pelo que custa produzi-la. Todavia o exercício desta força-de-trabalho como esforço gasto de energia e usura, assim como não importa para qualquer outro assalariado, não é absolutamente limitado pelo valor de sua força-de-trabalho. Seu salário não está, pois, necessariamente em relação com a massa de lucro que ele ajuda o capitalista a realizar. O que ele custa e o que ele traz ao capitalista são grandezas diferentes. Ele lhe entrega não porque cria diretamente mais-valia, mas porque contribui para diminuir os custos de realização da mais-valia, executando trabalho em parte não pago. O trabalhador comercial propriamente dito pertence a categoria dos assalariados melhores pagos, destes cujo trabalho qualificado se encontra acima do trabalho médio. Contudo, com o progresso do modo de produção capitalista seu salário tem tendência a baixar mesmo com relação ao trabalho médio. Isto é devido primeiramente a divisão do trabalho no interior do escritório; portanto é apenas necessário assegurar o desenvolvimento unilateral das faculda-

des do trabalho, o que o capitalista obtém em parte gratuitamente, pois que o trabalhador forma ele próprio suas aptidões exercendo sua função e isto tanto mais rapidamente quanto a divisão do trabalho torna-se mais estreita. Em seguida seu salário tende a baixar pelo fato de que a formação profissional, os conhecimentos comerciais e linguísticos, etc, ao mesmo tempo que progredem a ciência e a instrução públicas, se distribuem de modo sempre mais rápido, mais fácil, mais geral, em melhor conta, à medida que o modo de produção capitalista orienta os métodos de ensino, etc cada vez mais para a prática. A generalização do ensino primário permite recrutar os trabalhadores do comércio nas classes que, até então, haviam sido excluídas dele, que eram habitadas a um modo de vida mais medíocre...(20)"

Esta análise profética de Marx sobre o que se pode chamar de "proletarização" do terciário confirmou-se notavelmente na segunda metade do séc. XX. Mas se a divisão do trabalho no interior do terciário está longe de ter atingido a "perfeição" do trabalho industrial taylorizado, a informática, após a burocracia, tende a generalizar brutalmente todas as tendências clássicas do fordismo para o caso da atividade terciária. No interior das empresas por exemplo, o desenvolvimento da informática tende a condenar ao desemprego a profissão dos auxiliares de contabilidade. Em contrapartida desenvolve-se uma polarização maciça dos ofícios da informática: em um polo os 20.000 engenheiros e quadros técnicos superiores; no outro polo, 103 mil operadores e perfuradores. Naturalmente no 1º polo contamos uma mulher para cada 10 homens, em contrapartida, na parte baixa, contamos 26.000 mulheres para... 800 homens! (Encontrar-se-á no artigo de E. Verdier, p. 6, uma análise concreta deste processo).

#### 4. A feminização, índice da proletarização

A "feminização" dos empregos terciários é justamente o índice da proletarização desses empregos. Índice e não prova, bem entendido: a única prova seria a verificação direta de uma amplia-

ção do espectro das qualificações, o que seguramente está excluída, a precisão e a confiabilidade das estatísticas de qualificação sendo o que sabemos que elas são.(21)

Todavia, a feminização é uma medida indireta mas segura da proletarização de um ofício. Estudos(22) mostraram que o afastamento considerável dos salários entre homens e mulheres (aqueles chegando a uma vez e meia em média ao salário destas) não resulta tanto de uma discriminação sobre o ramo e a qualificação do emprego: a distância residual é mínima quando se comparam os salários "sobre trabalho igual". Mas o trabalho não é jamais "igual"!

Se tomarmos a hipótese de que a mesma lei (segundo a qual as distâncias de salários homens/mulheres refletem uma discriminação que recai sobre a qualificação do emprego) rege o mercado de trabalho dos empregados, a simples comparação de seu salário mensal no setor privado é significativa: enquanto que, em média, um homem ganha 1 vez e meio o que ganha uma mulher (todas as categorias em conjunto), o empregado de escritório ganha 1,23 vezes o que ganha sua colega, mas o empregado de comércio ganha 1,7 vezes do que ganha sua colega! Mede-se por aí a extrema polarização da categoria estatística única "empregados de comércio"(23).

Porém, mais geralmente, é a feminização global(em 64%) da categoria sócio-profissional dos empregados (24) que contrasta violentamente com o dos quadros administrativos superiores (17%) e dos engenheiros (4%) que deve atrair nossa atenção. Para alguns(25) esta feminização interditaria mesmo de falar-se de uma categoria social, pois os empregados pertencem também, pelo viés de sua "chêf de ménage", a quase todas as outras categorias sociais (de "quadro superior" ao "operário"). É esquecer um ponto decisivo: face ao seu quadro superior ou ao seu marido, o tempo das mulheres é apropriado de um modo específico global e sem limite: elas permanecem no mesmo lugar na relação social homens/mulheres(26). Do empregado, como da dona de casa, não se espera somente a subordinação à disciplina da empresa. Espera-se a maleabilidade, a disponibilidade constante, o abandono de toda autonomia combinada com a responsabilização face à atividade imposta. Assim na "função capitalista parcelar", sem dúvida mais do que em qualquer outro lugar no assalariamento, o capital integra diretamente a seu serviço a relação de "sexo".

### III. Dimensão Regional da polarização terciária

O principal resultado a que chegamos é que a proliferação e a polarização dos empregos terciários são dois fenômenos correlatos porque derivam de uma causa única: a acumulação capitalista e o movimento de divisão do trabalho que ela engendra. Quando os "terciários" eram os padres e os cléricos, eles eram poucos, mas eram mais ou menos iguais. Se estamos indo em direção a uma sociedade capitalista terciária, ela será polarizada.

Ora, sabemos que estas mesmas leis de acumulação capitalista engendram uma outra polarização, espacial agora, entre as regiões e as nações. Que haja uma relação entre a polarização espacial e a atividade terciária é uma evidência de base: "A maior divisão do trabalho manual e do trabalho intelectual é a separação da cidade e do campo", já dizia Marx.

É aqui que vêm dissolver-se as ilusões de Colin Clark de um lado, de Rostow, de outro. Basta com efeito que as duas polarizações se recubram para que, em certas regiões ou nações a idéia de uma "sociedade terciária" majoritariamente qualificada tome consistência... com a condição de não se esquecer que "a acumulação das potências intelectuais" em um polo tem por contrapartida o empobrecimento da periferia!

O que é isso, retendo-nos no exemplo das regiões francesas?

Trabalhos anteriores(27) mostraram como a articulação da acumulação capitalista com a persistência e reprodução de modos de produção pré-capitalistas haviam produzido de 1789 a 1945, um "desenvolvimento desigual" das regiões francesas. No lugar desse tabuleiro de regiões desigualmente desenvolvidas, o capital monopolista tendeu, após a guerra, a implantar "circuitos de ramos", com uma especialização regional dos diferentes tipos de trabalho que se articulam no ramo no estágio do fordismo.

- Regiões do tipo I, polos direcionais financeiros e tecnológicos.
- Regiões do tipo II, de fabricações qualificadas (o que supõe um "passado industrial": e é o caso do Nord-Pas-de-Calais).

- Regiões do tipo III, que apresentam reserva de mão de obra que podemos considerar como não qualificadas, e com muito baixo valor de reprodução, porque são produzidas pela dissolução de outros modos, ou pelo declínio de indústrias obsoletas correspondentes a um estágio anterior da divisão do trabalho. Aí se desenvolvem atividades de montagem (operários especializados).

No limite, poder-se-ia mesmo distinguir regiões de tipo IV, onde o êxodo rural já foi tão longe, que mais nenhuma industrialização moderna é possível ("regiões não integradas").

### 1. Uma região especializada no não industrial

A região de tipo I é seguramente a Ile-de-France e, numa medida bem menor, Rhone-Alpes. A simples implantação destes circuitos de ramos concentra o terciário "produtivo" em Paris... ao mesmo tempo que ela cria O.S. (operários especializados), em todo o Oeste e nas regiões em "reconversão". E de fato (ver quadro 2) é a região mais terciária (em proporção) mas é primeiramente aquela onde a indústria é mais desenvolvida (em valor absoluto), aquela onde a parte da indústria de equipamento (28) é a maior; isto onde, na indústria, (e em particular no equipamento), a parte dos ofícios produtivos altamente qualificados é a mais forte. A densidade de empregos terciários em relação à população residente é 2,7 vezes mais elevado do que na província. Mas, se observarmos o terciário ligado ao desenvolvimento capitalista industrial (setor financeiro, serviços para as empresas) a diferença torna-se bem marcante: 5 contra 2; 7 contra 3. Ela é ainda mais nítida quando nos restringimos à "gestão financeira" e aos "estudos e pesquisas", A divisão social do trabalho, pois, (entre os ramos) polariza já a hierarquia a Paris-província.

Mas ocorre o mesmo quando nos voltamos para a divisão "manufatureira" do trabalho nos ramos, isto é, para a estrutura das qualificações. A superqualificação relativa (29) dos "colarinhos brancos" é de + 24 em Paris; por toda a parte restante ela é negativa ou nula.

A raiz do fenômeno está seguramente na divisão do trabalho no interior do processo produtivo. Se se compara na indús -

TABELA 2  
Estrutura das qualificações das atividades terciárias em 1975

Regiões	França	Província	Região de Paris	Rhone-Alpes	Nord-Pas-de-Calais	Alsacia	Centro	Bretanha	Mid-Pyrineus	Languedoc-Roussillon	Provençe Côte D'Azur
Estrutura dos empregos ligados ao processo de trabalho, na indústria (em relação ao emprego total secundário)											
Eng. + Técn.	8,3	7,0	13,5	8,5	66,2	5,9	6,6	5,8	8,2	6,5	8,9
Op. Qualif.	37,7	38,0	36,5	36,4	35,8	35,6	39,0	41,9	39,0	42,8	46,5
Op. Esp. + mão de obra banal	36,3	40,1	21,7	37,8	43,3	42,4	40,1	39,1	36,0	35,8	28,2
Estrutura dos empregos só nas indústrias de equipamento (em relação ao emprego destas indústrias)											
Eng. + Técn.	13,3	10,3	21,2	12,0	10,1	8,4	8,8	8,7	17,7	11,1	15,8
Administ.	17,7	14,5	26,1	17,2	14,4	13,7	13,0	12,9	23,2	24,1	17,8
Op. Qualif.	33,4	34,3	31,0	34,1	39,8	34,7	31,8	36,0	33,0	29,8	48,7
Op. Esp. + mão de obra banal	35,5	40,8	21,6	36,7	35,7	43,1	46,3	42,4	27,9	34,8	17,7
Estrutura do total de empregos terciários da indústria											
Eng. + cam. super.	18,3	15,4	24,0	16,5	15,2	17,1	15,1	14,3	15,4	16,1	18,5
Tecn. + cam. médias	41,5	42,3	40,0	43,0	39,8	37,1	42,1	44,0	42,6	43,3	45,3
Empregados	40,2	42,3	36,0	40,5	45,0	45,8	42,8	41,7	42,0	40,6	36,2
Estrutura das diferentes qualificações no emprego total da região											
Superior	11,0	9,7	14,5	10,7	9,0	11,4	8,6	9,4	10,7	10,7	10,9
Médio	22,0	22,3	21,4	22,8	21,7	20,7	21,4	23,0	24,0	23,0	21,4
Empregado	46,7	46,4	47,2	45,7	46,4	45,3	48,0	44,6	46,1	45,5	47,2
Partes das diferentes categorias terciárias no emprego total da região											
Superior	5,6	4,6	9,1	5,1	4,2	5,5	4,0	4,5	5,3	5,9	6,7
Médio	11,3	10,7	13,4	10,9	10,0	10,1	9,9	11,0	11,8	12,8	13,2
Empregado	24,0	22,4	29,7	21,8	21,4	22,0	22,3	21,3	22,6	25,2	29,1
Estrutura dos empregos terciários do setor "não mercantil" (administração, educação, etc), em relação ao emprego total deste setor											
Superior	15,6	14,6	18,9	16,8	14,0	18,8	12,0	13,9	16,3	16,6	15,6
Médio	27,2	29,0	21,9	30,0	31,7	27,8	26,0	29,3	29,7	27,6	23,5
Empregado	44,1	43,1	47,4	39,1	42,7	38,7	46,5	43,9	41,1	42,8	46,0

tria a parte dos engenheiros e dos técnicos e dos O.S., entre Paris e a Província, vê-se que ela é duas vezes mais forte para a 1ª em Paris, e duas vezes mais fraca para a segunda. O índice de superqualificação relativa atinge o valor + 112 e + 160 só para a indústria de equipamento! A estrutura das qualificações de terciário se impõe então cada vez mais a partir deste foco. A superqualificação relativa é ainda de + 0,46 para o terciário interno à indústria, de + 30 para o terciário externo. Observamos que para o que concerne aos "serviços não mercantis" (onde todavia os imperativos de igualdade de acesso aos serviços públicos deveriam impor uma certa uniformização) nos encontramos ainda com uma superqualificação relativa de + 22.

Qua a superqualificação relativa seja muito mais marcada para o terciário interno que para o terciário externo é totalmente lógico mas muito inquietante para o futuro da polarização terciária. Se nós vemos com efeito as coisas mais de perto, constatamos que, mesmo para o setor terciário "puro", a diferença das qualificações vem sobretudo de que são concentradas em Paris, os ramos terciários mais qualificados, os mais "direcionais", e não tanto em decorrência de uma divisão do trabalho no seio desses ramos. É que a divisão do trabalho no seio desses ramos terciários ela própria não é (ainda) muito desenvolvida.

Neste sentido, pode-se dizer que o desenvolvimento do setor terciário não começou ainda a produzir seus efeitos polares: eles estão por vir.

Mas, desde já, deve-se constatar, na amostragem das regiões estudadas, que a região Centro, que viu as primeiras operações de "descentralização" terciária, tem uma estrutura de terciário externo comportando ao mesmo tempo a menor parte de empregos qualificados e a menor parte de empregos desqualificados. A desqualificação relativa aí atinge o nível - 24! As "usinas-piratas com O.S. do terciário" já estão aí!

## 2. O destino das velhas regiões industriais

Elas são representadas em nossa amostragem por 3 regiões: Rhone-Alpes, Nord-Pas-de-Calais e Alsace, cuja estrutura das

atividades primária/secundária/terciária é semelhante. A análise das C.S.P. terciárias revela todavia, uma ligeira desqualificação relativa da Alsace, um pouco mais para Rhone-Alpes, mas ela atinge o nível record para o Norte.

A única diferença importante na estrutura das atividades é o peso normalmente fraco do equipamento no secundário do Norte. Este traço caracteriza esta região como um antigo centro industrial obsolecente: a região Norte aparece tipicamente como uma região de tipo II, uma região especializada na fabricação industrial. É a região industrial onde os operários qualificados e os técnicos são mais numerosos na indústria de equipamento.

Em contrapartida, este tipo de industrialização engendra um terciário regional bastante pouco qualificado, inferior à média: é o que nós constatamos no Norte, onde ele é menos qualificado, que nas outras duas regiões industriais e nas regiões "não integradas ensolaradas" e apenas maior que nas regiões integradas do tipo III (Centro, Bretanha).

Resta por explicar uma boa qualificação relativa da Alsace, superior à do Rhone-Alpes.

Este paradoxo remete à história específica da Alsace, que apenas recentemente conheceu a especialização internacional no quadro do Hexágono. Do ponto de vista do "antigo tecido industrial" ela era equivalente a região lionesa, mas permaneceu relativamente autônoma. Mas Rhone-Alpes distancia-se da Alsace (no dobro, em densidade) no ramo "estudos e conselhos para as empresas", que confere a primeira, conjuntamente com a irradiação de suas sedes, um estatuto de metrópole super-regional.

## 3. O destino das antigas regiões agrícolas

Segundo nossa tipologia teórica, dois grandes destinos são possíveis para as antigas regiões agrícolas; seja a integração aos circuitos de ramos anteriormente dominados, com uma especialização na montagem desqualificada (região III), seja o prosseguimento do êxodo rural sem industrialização (região IV).

Na nossa mostragem, o Centro e a Bretanha simbolizam 2 graus da integração. O Centro é já muito industrializado: é mesmo o exemplo típico da "desconcentração industrial" da região parisiense; a parte das indústrias de equipamento é record para a província. Mas a estrutura produtiva nessas indústrias é também a pior (a menor proporção de engenheiros, a maior de O.S.).

Não se deve então espantar-se que, para o conjunto dos C.S.P. em colarinho branco, o Centro tem uma desqualificação relativa quase tão importante quanto o Norte. Em comparação, a Bretanha, também terciária, bem mais agrícola, menos industrial, parece também... muito menos qualificada quanto a seu terciário! A explicação é que justamente a divisão capitalista do trabalho atingiu a Bretanha com atraso.

Mas a estrutura dos empregos nas indústrias de equipamento se alinha sobre a pirâmide característica das regiões de tipo III (poucos engenheiros muitos O.S.), enquanto que a estrutura no conjunto da indústria bretã permanece ainda característica da pequena indústria com seu caráter artesanal (mais operários qualificados do que O.S.).

Os detentores das teses conjugadas de Rostow e de Colin Clark, que esperam uma "decolagem industrial" seguida de uma terciarização pós-industrial, região após região, deveriam refletir sobre este exemplo. Se a industrialização prosseguir aí como fez até agora a Bretanha "alcançará" sem dúvida, o grau de industrialização do Centro... mas isto será na base de uma desqualificação relativa de seu terciário.

A menos... a menos que não seja possível senão a implantação de circuitos de ramos inteiros centrados na própria região.

Ora, temos um exemplo do que é possível: a região Midi Pyrénées. Esta, se bem que mais de tipo IV (se consideramos o fluxo migratório) apresenta uma bastante boa qualificação terciária, o que não tem nada de notável, veremos, no Midi, mas sobretudo apresenta uma forte qualificação de seu terciário interno à indústria: a parte dos técnicos e engenheiros, aí segue de perto Rhone-Alpes.

A explicação é evidente: é o peso da indústria aeronáutica.

Pode-se todavia, perguntar porque este efeito não ocorre no que diz respeito à Bretanha, onde a eletrônica teria podido desempenhar o papel da aeroespacial. Renes tem aliás o perfil sócio-profissional de Toulouse.

Uma razão, parece-me, é que nos dois casos, a regulação social destas regiões dominadas supunha um fluxo constante de jovens imigrantes. Mas enquanto que na Bretanha era um fluxo de emigrantes não qualificados no Midi-Pirineus, como no Midi-Mediterrâneo, é um fluxo de emigrantes mais qualificados (pelo menos pelo ensino primário e secundário). O circuito, de ramos implantados na fase de integração é um pouco a imagem do tipo de emigração na fase precedente.

Lá ainda, este fenômeno é bastante inquietante para o futuro, pois em todo caso a região parisiense continuará a "bombar" empregados terciários no sul, e o capital francês a empregar no local os ex-camponeses bretões como operários. Só uma política extremamente voluntarista, profunda e prolongada, operando sobre o conjunto do tecido social pode pois significativamente elevar a qualificação do terciário do Oeste permitindo aí implantar circuitos de ramo completos. Mas, o mais provável é que os centros de pesquisa se desenvolverão no Sul (em Provence Cote d'Azur) e os centros de fabricação e montagem no Norte e Oeste.

#### 4. As "regiões ensolaradas" já "pós-industriais"

Estas últimas observações atraem nossa atenção sobre as regiões que seríamos tentados a qualificar como do tipo IV (pelo peso de sua agricultura, sua fraca industrialização, a desertificação - ou a crise eminente - de seu campo, etc) mas que se realça por sua densidade, sua qualidade terciária: Languedoc - Roussillon e Provence-Côte d'Azur). Seu terciário aí aparece, sob todos os pontos de vista, equilibrado, e, mesmo frequentemente, superqualificado.

Duas das razões já invocadas se encontram aqui estas regiões sendo menos integradas conhecem menos a polarização capita -

lista; a genealogia de seu tecido urbano fazem delas regiões de emigração qualificada. Os liceus e as universidades aí servem frequentemente, como no mezzogiorno italiano, de áreas de estocagem de desempregados disfarçados, saídos da pequena burguesia tradicional.

Estas duas razões se conjugam para engendrar um tipo bem particular de proliferação terciária, que não tem nada a ver com a proliferação do terciário capitalista desenvolvido da região parisiense; mas, ao contrário, com o tipo de terciário, frequentemente parasitário ou até clientelista dos países e regiões dominadas: o terciário italiano ou grego, em oposição ao terciário anglo-saxônico ou alemão.

Todavia, seria errôneo ver neste terciário meridional uma simples camuflagem de desemprego latente em particular do desemprego dos diplomados. Pelo menos em parte este terciário corresponde a uma verdadeira divisão interregional do terciário moderno: turismo, saúde, etc.

Mas, há melhores. Em Provence Côte d'Azur, apercebe-se que a superqualificação relativa de seu terciário, diz respeito mesmo ao terciário do secundário e, de modo particularmente nítido, ao da indústria de equipamento: a relação engenheiros/O.S. atinge níveis parisienses!

Seguramente, o resultado é muito menos brilhante quando se relaciona a parte dos empregos altamente qualificados da indústria... com a população ativa regional! Mas, é preciso reconhecer que a descentralização dos empregos altamente qualificados da indústria na Côte d'Azur é agora sensível estatisticamente (pensa-se no estabelecimento da IBM de La Gauche).

Dois tecidos terciários se superpõem, pois, nestas regiões mediterrâneas: o de uma região subdesenvolvida (isto é, desenvolvida de modo disforme pela dominância externa) e um terciário capitalista muito moderno e qualificado: turismo moderno, centros de saúde especializados, pesquisa universitária e mesmo industrial.

Não estaríamos assistindo a um fenômeno semelhante ao cresci

mento do "Novo Sul" americano, que se acompanha do prosseguimento do êxodo de mão de obra pouco qualificada para as regiões industriais do Nordeste, da criação de usinas no Sul para uma mão de obra pouco sindicalizada e de baixo salário, mas ao mesmo tempo de um saldo migratório de mão de obra altamente qualificada do Nordeste para o Novo Sul?

Se é o caso, é preciso estudar com a maior atenção os fluxos geo-sócio-demográficos, para evitar a ilusão de uma passagem direta dessas regiões de um estágio "pré-industrial" ao estágio "pós-industrial". Na realidade, parece mais que o terciário moderno que se instalou em Languechoc-Roussillon acaba por arruinar o terciário e o primário local, bloqueia o desenvolvimento do secundário, constrange a juventude ao êxodo, enquanto que os empregos terciários modernos são ocupados por imigrantes (que são aliás por vezes, antigos Occitanos de retorno ao lugar).

E, em todo caso, os empregos altamente qualificados, mesmo os industriais, não são forçosamente empregos decisórios.

## 5. Perspectivas

Assim, a mesma lei inflexível que desenvolve na Ile-de-France uma sociedade dita "pós-industrial" desenvolve no Centro e Oeste francês um proletariado de O.S. desqualificados. Ocorre o mesmo em escala mundial: A Suíça ou a Califórnia "pós-industriais" nada mais são do que o verso de uma medalha cujo reverso encontramos entre os operários agrícolas da América Latina ou nos formigueiros da eletrônica do Sudeste asiático. Mesmo se o terciário moderno se desenvolve também nas regiões "periféricas" trata-se de um terciário desqualificado que submerge o velho terciário qualificado: o dos cléricos e dos notáveis.

Somente escapam algo a esta desqualificação terciária os polos industriais mais autônomos (Rhone-Alpes, Alsace) ou os centros de certos circuitos de ramo (Toulouse) e as regiões mediterrâneas, seja pelo peso do terciário arcaico, menos tocado pela divisão capitalista do trabalho, aí preponderante, seja porque aí se instalam os centros dos terciários altamente qualificados e des

localizados por razões de ordem climáticas (centros de cura, mas também centros de pesquisa). Mas quando nos situamos em uma perspectiva dinâmica, estudando a evolução dos C.S.P. terciários de 1962 a 1975, constata-se que a terciarização crescente de todas as regiões, longe de igualá-las, aprofunda as suas diferenças. A região parisiense dobra a sua superqualificação relativa; a Bretanha perde a sua superqualificação relativa; Rhone-Alpes que estava na média nacional torna-se relativamente desqualificada; só Langued-Roussillon permanece estável! As teses do "atraso na terciarização", ou aquelas que apenas consideram a desespecialização regional entre ramos (esquecendo a especialização crescente entre qualificações!) são assim vivamente atacadas.

TABELA 3

Região	1962			1975			Superqualificação Relativa			
	Q.S.	Q.M.	E.	Q.S.	Q.M.	E.	Q.S./E.		Q.M./E.	
							1962	1975	1962	1975
França	14,0	7,8	12,4	6,7	12,7	17,7				
Ile-de-France	7,4	12,4	20,8	11,3	16,9	24,0	+10	+24	-5	-2
Rhone-Alpes	3,7	7,6	11,5	6,2	12,9	17,5	0	-7	+5	+3
Langued										
Roussillon	3,3	7,3	10,2	6,2	12,0	16,1	0	0	+14	+3
Bretagne	2,2	5,1	6,3	4,8	10,7	12,9	+8	-1	+27	+15

Q.S. = quadros superiores

Q.M. = quadros médios

E. = empregados

A terciarização da sociedade é a irmã gêmea da polarização interregional; elas derivam de uma causa única: a forma da divisão do trabalho imposto pela acumulação capitalista.

### . A Guisa de Conclusão

Longe de anunciar uma idade nova, a arborescência do terciário moderno nas metrópoles imperialistas, e mesmo o desenvolvimento de um terciário qualificado em certas regiões, não é senão uma expressão parcial e unilateral das leis permanentes da acumulação capitalista (concentração, centralização do capital, desapropriação do "savoir-faire" dos produtores diretos, etc), o reverso da medalha sendo a industrialização desqualificada da periferia interna e externa das metrópoles.

O bloqueio atual da acumulação na crise geral do fordismo interdita pois o prosseguimento automático do desenvolvimento do terciário(30). Pior, a entrada do fordismo no próprio terciário (graças à "burocrática") colocará em causa, segundo o relatório Nora-Minc, 30% dos empregos de escritório. É todavia razoável pensar que o capitalismo multiplicará, para assegurar a permanência da relação salarial na expectativa da descoberta de novos eixos de desenvolvimento, os empregos do terciário "bidon", com estatuto precário e fracamente a cargo dos empregadores privados. Não é impossível aliás que a absorção pelo assalariado de novas esferas de atividade doméstica, logo um novo desenvolvimento do setor terciário, seja um dos ingredientes da saída capitalista da crise.

Se, por isso, o acesso à era pós-industrial prometida pelos apologistas do capitalismo aparece como uma fantasmagoria, os marxistas procederiam muito mal em subestimar a mutação do assalariado que representa a proliferação dos terciários. Do interino O.S. ao interino empregado, iremos inexoravelmente para uma dispersão do "sujeito revolucionário" encarnado pelo operário profissional caro a Gramsci ou do operário massa "caro ao velho operariado". Seria absurdo decretar a emergência de "um novo sujeito": o proletário de camisa branca do Comissariado para a energia atômica ou "o empregado vagamente ocupado". A questão decisiva que está hoje colocada é a seguinte: como pode fundir-se em uma força de transformação da sociedade um conglomerado salarial totalmente disperso, cujas relações com a produção são as mais diversas, cujo modo de exploração repousa ora na extorção do suor e do sangue, ora na especialização do saber, ora na recuperação para o serviço direto



do capital, do adestramento secular das mulheres à submissão sorridente, ora na mobilidade a mais desenfreada, etc.?

As tendências gerais do capital, longe de desenhar em face dele a alta figura de um coveiro com a consciência clara e com os braços de aço, engendra uma luxuriância de categorias e de status, com tradições, com culturas, com ideologias, com aspirações as mais variadas. Para o marxismo clássico é um drama. Mas, para quem quiser romper com a venda de imagens dos bastiões vermelhos, não é uma riqueza?

\* \* \*

#### NOTAS

- 1) Onde domina na França a pequena produção mercantil, mais ou menos integrada ao capital monopolista (ver Lipietz [1977]... e rodeada de seu próprio terciário.
- 2) Ver Juillet [1972].
- 3) Apoio-me aqui na análise genealógica do A.C.R.E.S. [1973].
- 4) De fato, os comerciantes e banqueiros preexistiram ao capitalismo industrial. Mas o desenvolvimento deste último, sua hegemonia sobre todo o modo de produzir, mudou a natureza funcional deles.
- 5) Segundo a judiciosa fórmula de G. Dumenil [1975].
- 6) Para um sobrevôo nos numerosos trabalhos da divisão capitalista do trabalho e o desenvolvimento do fordismo, ver LIPIETZ [1979].
- 7) Marx, O Capital I, 1, t.2, p. 50.
- 8) Atenção! Não é necessariamente improdutivo o trabalho cujo produto será finalmente pago pela mais-valia! O operário que constrói um Rolls-Royce é tão produtivo quanto o que produz uma R4 ou um "peso pesado". Pois o seu trabalho se troca contra o capital variável da indústria automobilística.

- 9) Sobre a teoria da valorização do capital formal, ver LIPIETZ [1976].
- 10) Em uma economia aberta, um país pode especializar-se nesta forma de capitalismo, e os lucros extraídos lhes permitem buscar riquezas no estrangeiro (caso da Grã-Bretanha, da Suíça, do Líbano...).
- 11) Aqui ainda uma metrópole imperialista pode especializar-se na pesquisa e desenvolvimento e engenharia, o que lhe permite apropriar-se de riquezas produzidas em outros lugares. Diferentemente do terciário de circulação este terciário participa diretamente da produção de riquezas. Mas inversamente ele parece por vezes, não participar da produção de lucro privado (caso da "P-D"). De fato, os pesquisadores permitem às empresas que os empregam captar "mais valias extras" por sua maior produtividade.
- 12) Ver o magistral estudo de C. André e R. Delorme [1979].
- 13) Ver LIPIETZ [1976] e [1979].
- 14) É pelo menos o caso da França. Ver BAUDELOT, ESTABLET, MALERT [1974].
- 15) Pelas mesmas razões o nível atingido pela parte do terciário contribui para explicar o caráter inflacionista da crise atual. É o que mostra, apoiando-se na teoria da regulação monopolista evocada aqui, o trabalho considerável de De LAVERGNE e CHATELLET [1979].
- 16) Ver as comparações internacionais em LAVERGNE e CHATELLET [1979].
- 17) No caso da França trata-se das regiões mediterrâneas (ver LIPIETZ [1978]).
- 18) Além dos artigos desse nº, referiremos com proveito, para citá-las de análises detalhadas, o artigo de L. THEVENOT [1977] que se soma ao de LAVERGNE e CHATELLET [1979] e, no que diz respeito ao desdobramento interregional, LIPIETZ [1978].
- 19) Agrupando-se os operários agrícolas constata-se um ligeiro decréscimo.
- 20) K. MARX, O Capital I 2, t. 6, p. 309.

- 21) Não há senão um nível na nomenclatura para os empregados contra 3 ou 5 para os operários.
- 22) Ver CHARRAUD e SAADA [1974].
- 23) L. THEVENOT cita ainda um exemplo direto. No comércio os "caixas que ocupam um emprego de escritório" diminuem no ritmo de 1% ao ano; os empregos desqualificados de caixa aumentam de 7,1% de 1968 a 1975, enquanto que se desenvolve a camada de seus fiscais, classificados entre os "quadros administrativos médios".
- 24) A única C.S.P. ainda mais feminizada é, bem entendido, a do "pessoal de serviços" (78%)!
- 25) Ver BOUDELLOT, ESTABLET, TOISER [1979]. É verdade que neste livro em resposta a questão "quem trabalha para quem?", escamoteia-se simplesmente o trabalho feminino...
- 26) Relação que C. GUILLAUMIN [1978] chama "sexage". Sobre a parte de "sexage" que entra no trabalho dos empregados, ver a significativa "interview" de grevistas de um ministério: "Frappe e tais-toi", "Partis pris", nº 12 [1979].
- 27) Ver LIPIETZ [1977a]. As cifras que se seguem são tiradas de LIPIETZ [1978].
- 28) Chamamos assim as indústrias tipicamente fordistas: automobilista, mecânica, eletromecânica, de aviação...